

IMPrensa E REGIME POLITICO

Raul Pilla

6. 6. 46

(Para O JORNAL)

36
Se bem tenham os primeiros jornais aparecido ainda em pleno regime absolutista — natural consequencia que eram da invenção de Guttenberg — a imprensa só existiu realmente e só existe nos regimes livres. Divulgar e criticar implica liberdade e segurança. Fora deste ambiente, a imprensa definha e degenera. Em vez de servir a liberdade e a justiça, torna-se instrumento de opressão e obscurantismo.

Não basta, porem, que a lei lhe assegure a liberdade, para que a imprensa alcance a dignidade e exerça a influencia correspondente a uma sociedade democrática. A forma de governo, o mecanismo constitucional também lhe condicionam a atividade. Se a imprensa assumiu, em nossos tempos, tal importancia politica, que se equiparou a um quarto poder do Estado, pouca gente parece haver reparado em que a latitude da sua influencia depende estreitamente da natureza do regime constitucional vigente.

Que é, com efeito, a imprensa? Orgão da opinião publica. Onde esta é poderosa e eficiente, isto é, onde ela pode influir facilmente no meneio da coisa publica, eficiente e poderosa será também a imprensa. Onde nada, nada ou muito pouco vale a opinião, também se amesquinha o poder da imprensa. Esta fala, clama, censura, condena e quase se diria que o faz em vão se não se soubesse que ao lado dos abusos que não consegue evitar e facilmente se percebem, muitos outros não chegam a perpetrar-se, graças à sua continua vigilancia.

Oferece a historia politica do nosso País uma clara demonstração desta tese. No Imperio, seja, na vigencia do sistema parlamentar, tal era a sua força, que uma simples varia do "Jornal do Comércio" decidia muitas vezes da sorte de um governo: Na Republica, isto é, na vigencia do regime presidencial, nem as mais enérgicas campanhas dos mais autorizados órgãos da imprensa têm conseguido modificar, já não digo o governo, mas a sua orientação num caso determinado.

Qual a razão de tão chocante diferença, se continuamos a ter jornais de grande independencia e autoridade, jornais que honrariam a imprensa de qualquer país? A razão está, evidentemente, no regime politico. O sistema parlamentar é, por excelencia, o regime da opinião. Esta é quem realmente governa. O sistema presidencial, pelo contrario, só lhe admite a intervenção a intervalos de alguns anos. E' uma ditadura eletiva e temporaria. Opinião publica politicamente impotente significa imprensa politicamente pouco influente; opinião publica eficiente significa imprensa poderosa. Se a imprensa faz a opinião, é a opinião quem, por sua vez, dá à imprensa a sua força.

A isto não se limita, porem, a repercussão do regime politico sobre o jornalismo. E' a sua propria maneira de ser que se modifica. No sistema parlamentar, onde o jornalista tem consciencia do seu poder e da responsabilidade decorrente deste poder, as discussões pairam no alto e raramente descem a retaliações pessoais. No regime presidencial, onde pouco valem razões e argumentos, se o governo não está disposto a ouvi-los, onde os abusos, longe de corrigir-se, se reiteram e agravam, não há longanimidade que se não esgote. Das criticas, cada vez mais veementes, aos ataques pessoais, cada vez mais graves, é inscvel e fatal a transição. Quem não quiser ouvir por bem, há-de ouvir por mal.

Ora, apesar de ser por si mesma evidente e estar de mais a mais, fartamente comprovada pela nossa historia essa estreita relação entre imprensa e regime politico, não parece que os nossos jornalistas lhe tenham atribuido a menor importancia. Presidencialismo? Parlamentarismo? Questão inocua — parecem dizer — e puramente académica. Que importancia tem ela ante as complexas questões económicas e sociais do nosso tempo? Que interesse jornalístico poderá ela oferecer em face das contendas politicas que se ferem nos Estados?

Entretanto nunca talvez como agora, poderia ser tão decisiva a ação da nossa imprensa, se ela houvesse dado à questão a importancia merecida. Muitos representantes votarão pelo presidencialismo por força de inercia: foi o que até agora tivemos; mais simples lhes parece persistir nele. São estes os que não sabem andar, senão pelo trilho batido. Outros muitos reconhecem a imprestabilidade do regime, mas não se animam a empreender o que consideram verdadeira revolução, voltando-se resolutamente para o sistema parlamentar. Falta-lhes, para os animar ao passo decisivo, mas isento do perigo, a pressão da opinião publica, exercida através dos jornais. Temem eles assumir sós, em virtude do mandato que receberam, a responsabilidade que desejariam ver repartida com muitos. Para estes outros seria decisiva a influencia dos nossos mais autorizados órgãos da imprensa, se, saindo da sua indiferença pela questão, houvessem eles tomado o partido indicado pelos seus legítimos interesses que são também os da democracia representativa em nosso País.